

A goiabada e a quarentena mortífera (XVIII)

Próximo de completar 3 meses de quarentena, discutimos em família (menos Dona Zilá - minha sogra) que a situação estava ficando muito perigosa, pois o isolamento social estava afrouxando e que a gente nem tinha chegado no pico da pandemia. Naquela altura estávamos mais próximos da pandemia do pico do que do pico da pandemia.

Para evitar o pânico, resolvemos juntar elementos das últimas notícias, inclusive fake. Até porque fake repetida à exaustão acaba nos convertendo ao isolamento social radical.

Depois que o Bolsonaro chamou o governador do Rio - Wilson Witzel - de estrume, na famosa reunião de 22 de abril, mas que só foi divulgada um mês depois, ficamos muito preocupados. Dali em diante não sairíamos mais de casa em hipótese alguma.

Minha ida à farmácia com a sogra todas as manhãs estava definitivamente cortada.

Eu também já não aguentava mais me vestir de escafandrista e a sogra de astronauta pra caminhar dois metros do lado do edifício da Barata Ribeiro e, depois, levar duas horas pra nos desinfetarmos. Sabíamos que Dona Zilá não ia aceitar a decisão familiar. Mesmo porque da última vez que lá estive conduzindo-a, ela encomendou 4 pacotes de cloroquina e 2 de Annita. *“Vocês querem me matar? Minha única distração é ir à farmácia. Se for pra ficar entocada nessa porra, prefiro morrer ou então me leva pro asilo.”*

“Calma, Dona Zilá”, ponderei, *“é perigoso, a senhora é grupo de risco e o estrume vai liberar geral, o povo já está avançando, a senhora viu como é que estava hoje, Copacabana é o bairro que tem mais morte e tem muito bolsominion...”*

Notei que a sogra ultimamente vinha falando muito palavrão, mas fiquei na minha, porque eu sabia que ela seguia o twitter do Olavo de Carvalho.

Só quando Calissa, minha filha, falou carinhosamente com a avó, ela acabou concordando. Mas ficou com uma tromba do tamanho da cozinha do apê.

Pois passados dois dias notei Marli (minha mulher) agitada demais. E sempre que isso acontecia o desfecho era muito desfavorável. *“Estou aprendendo a dirigir”,* ela lançou de repente no jantar. Quase me entalei com um pedaço de frango. *“Na quarentena?”*, indaguei. *“É”,* disse seca. Passados alguns minutos com jeitão de horas, disse que já estava bem adiantada nas aulas virtuais, que já tinha acertado a carteira de motorista com um despachante, amigo do Marcelo, o recenseador do IBGE, assim que acabasse a quarentena.

E continuou desfiando seus planos - que depois que tudo acabasse nós íamos viajar para Tiradentes, Ouro Preto e Congonhas, que nós precisávamos recuperar o tempo perdido, que a vida era para ser vivida em sua plenitude, que nós estávamos perdendo o que restava de nossa juventude, que Calissa precisava conhecer o Brasil, começando pelos locais históricos. E que ela (Marli - minha mulher) já estava quase tendo alta da terapia e que agora ia botar pra quebrar e que esperava contar comigo, pois Calissa e sua mãe adoraram a ideia e que se eu não topasse ela ia fazer do jeito dela -.

Sobremesa - goiabada cascão - calado estava, calado fiquei. No terceiro pedaço de goiabada, a sentença de Marli: *“Inclusive, já dei entrada num Caa Chery Tiggo 7”.*

Só dei conta do que tinha acontecido comigo quando Dona Zilá me deu um murro nas costas e eu vi o pedaço de goiabada se estatelar na parede e voltei a respirar.

Meus olhos lacrimejavam sem parar da sensação de afogamento recém-revertida.

Quando consegui falar uma hora depois, cheguei no ouvido da sogra (que é ½ surda) e cochichei: *“Obrigado por ter salvado a minha vida. Amanhã vamos à farmácia e depois vou levar a senhora à praia.”* ●●●